

**A CEGUEIRA À LUZ DA CONSCIÊNCIA CORPORAL: MEMÓRIAS DE
(TRANS)FORMAÇÃO DE UM MÉDICO PROFESSOR**

**CEGUERA A LA LUZ DE LA CONCIENCIA CORPORAL: MEMORIAS DE
(TRANS)FORMACIÓN DE UN PROFESOR DE MEDICINA**

**BLINDNESS IN LIGHT OF BODY AWARENESS: MEMORIES OF
(TRANS)FORMATION OF A MEDICAL PROFESSOR**



Érico Gurgel AMORIM¹
e-mail: ericogur@gmail.com

Como referenciar este artigo:

AMORIM, É. G. A cegueira à luz da consciência corporal: Memórias de (trans)formação de um médico professor. **Temas em Educ. e Saúde**, Araraquara, v. 19, n. 00, e023016, 2023. e-ISSN: 2526-3471. DOI: <https://doi.org/10.26673/tes.v19i00.18359>



| **Submetido em:** 14/08/2023
| **Revisões requeridas em:** 14/09/2023
| **Aprovado em:** 05/11/2023
| **Publicado em:** 30/12/2023

Editoras: Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti
Profa. Dra. Rosangela Sanches da Silveira Gileno
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal – RN – Brasil. Doutor em Saúde Coletiva pela UFRN, Professor da Escola Multicampi de Ciências Médicas do Rio Grande do Norte (EMCM) da UFRN.

RESUMO: O objetivo deste trabalho é traçar uma visão crítica, autocrítica e confessional dessas experiências enriquecidas por emoções e paixões, apresentando a relevância de minha escolha profissional como médico e professor de medicina, projetando meu eu interior e futuro, além de abordar aspectos da infância, adolescência e vida adulta que contribuíram para o conhecimento de meu corpo, relação com esportes, vida escolar e amizades. Utilizo fontes autobiográficas, informações do currículo lattes, registros dos módulos concluídos na especialização, carta de intenções no processo seletivo, memórias pessoais e elementos projetivos de práticas e leituras. Referências a autores da fenomenologia da percepção discutidos ao longo do curso auxiliam na compreensão da sinestesia presente em mim e nas relações comigo mesmo, com os outros e com o mundo, buscando, a partir dessas reflexões, projetar-me para ações futuras, vivendo com plenitude, intensidade, qualidade de vida e sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Pessoas com Deficiência Visual. Memória. Formação. Consciência corporal.

RESUMEN: *El objetivo del Trabajo es trazar una visión crítica, autocrítica y confesional de estas experiencias enriquecidas por emociones y pasiones, presentando la relevancia de mi elección profesional como médico y profesor de medicina, proyectando mi yo interior y futuro, además de abordar aspectos de mi infancia, adolescencia y vida adulta que contribuyeron al conocimiento de mi cuerpo, mi relación con el deporte, la vida escolar y las amistades. Utilizo fuentes autobiográficas, información de mi currículum lattes, registros de los módulos completados en la especialización, carta de intenciones en el proceso de selección, memorias personales y elementos proyectivos de prácticas y lecturas. Las referencias a autores de la fenomenología de la percepción discutidos a lo largo del curso ayudan a comprender la sinestesia presente en mí y en las relaciones conmigo mismo, con los demás y con el mundo, buscando, a partir de estas reflexiones, proyectarme hacia acciones futuras, viviendo con plenitud, intensidad, calidad de vida y sentido.*

PALABRAS CLAVE: *Personas con Daño Visual. Memoria. Formación. Conciencia corporal.*

ABSTRACT: *The objective of this paper is to provide a critical, self-critical, and confessional view of these experiences enriched by emotions and passions, showcasing the significance of my professional choice as a physician and medical professor, projecting my inner self and future, as well as addressing aspects of childhood, adolescence, and adulthood that contributed to my understanding of my body, relationship with sports, school life, and friendships. I employ autobiographical sources, information from my Lattes curriculum, records of completed modules in the specialization, a statement of intentions in the selection process, personal memories, and projective elements of practices and readings. References to authors in the phenomenology of perception discussed throughout the course aid in understanding the synesthesia present in myself and in relations with others and the world, seeking, through these reflections, to project me towards future actions, living with fullness, intensity, quality of life, and purpose.*

KEYWORDS: *Visually Impaired Persons. Memory. Formation. Body awareness.*

Introdução

A escrita de natureza autobiográfica sempre constituiu um desafio para mim, pois ao recordar acontecimentos memoráveis, lições aprendidas e experiências inenarráveis, inevitavelmente deparo-me com adversidades, erros e angústias. No presente memorial, não me proponho a selecionar apenas os episódios bem-sucedidos ou com finais satisfatórios, mas sim a apresentar meu lado humano, repleto de imperfeições, desejos e sonhos, que moldaram minha identidade como um ser pensante e desejante neste mundo.

Recordo-me de minha experiência no Ensino Fundamental, quando, anualmente, a professora do primeiro dia de aula nos pedia que escrevêssemos sobre as vivências durante as férias. Nesse contexto, eu naturalmente compartilhava apenas os eventos mais felizes, como se tivesse a necessidade de proteger-me dos dias menos auspiciosos para que minha narrativa fosse bem recebida pela docente.

Com o amadurecimento durante o Ensino Médio e através de leituras mais críticas, como as obras de Machado de Assis, Graciliano Ramos e Karl Marx, pude compreender que a vida não é uma jornada sem percalços. Enfrentamos desafios que demandam constante reinvenção, nos transformando em protagonistas de nossas próprias histórias. Essas experiências nos moldam e nos modificam, direcionando-nos para novos rumos ou até mesmo para a retomada dos antigos.

Com base nesse fio condutor, Freire e Guimarães (2002) enfatizam a premissa de que é imprescindível compreender a história para que possamos extrair lições valiosas dela. Para alcançar esse conhecimento, é necessário dedicar-se a um estudo sério e aprofundado, adotando rigor e disciplina como guias. Requer-se, portanto, inúmeras horas de dedicação, além da vontade sincera de explorar, aprender e assimilar. Essa busca pelo entendimento remonta à própria trajetória de vida, tornando-se uma fonte inestimável para a transformação pessoal e do mundo ao nosso redor. Através desse processo, nos tornamos seres em constante sintonia com as mudanças que nos envolvem e nos impulsionam.

Assim, o objetivo deste memorial é revisitar histórias, positivas ou negativas, que conferiram sentido e significado aos momentos marcantes de minha trajetória. Compreender essas experiências auxilia-me a reexaminar minha jornada, reavaliando escolhas, reações, frustrações e transformações que resultaram em novas visões do mundo.

Metodologia

A escrita autobiográfica implica reconhecê-la como parte integrante da pesquisa sobre si mesmo. Nesse sentido, as memórias são ferramentas que nos permitem reconectar ao passado, revivendo a intensidade dos eventos e obtendo lições aparentes e ocultas.

Ricoeur (2007), em sua obra sobre memória, história e esquecimento, enfatiza que a memória é uma luta contra o esquecimento, onde suas representações são marcadas pela presença ou ausência do passado, determinando assim a confiabilidade das lembranças.

Segundo Pineau (1999, p. 331), o objetivo da escrita autobiográfica é que a pessoa em formação efetue um retorno reflexivo sobre o seu “trajeto para construir a partir dele um projeto de pesquisa-ação-formação. Essa modalidade de escrita proporciona a seus elaboradores defrontar com vicissitudes, dilemas, êxitos e inquietações, cuja análise reflexiva contribui significativamente para o aprofundamento da compreensão das suas experiências vivenciadas, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional, bem como para a elucidação dos desafios intrínsecos a esses domínios”.

Prado e Soligo (2005) esclarecem que o memorial constitui-se como um instrumento formativo e um gênero textual privilegiado, permitindo ao autor assumir sua voz em um processo de autoria, tornando públicas suas opiniões, inquietações, experiências e memórias, contribuindo para a (re)construção da identidade.

De acordo com Bragança (2011), a formação do sujeito é intrinsecamente vinculada à aprendizagem experiencial e aos processos identitários, proporcionando uma compreensão sensível da complexidade existencial e a partilha de conhecimentos. A autora enfatiza que a formação engloba todos os momentos e espaços da vida, possibilitando uma transformação humana libertadora por meio do conhecimento, autoconstrução e interação com o mundo.

Nesse sentido, divido as consequências de minhas memórias em duas seções. Na primeira, intitulada “Memórias e Formação: Relatos de uma Trajetória Educacional”, volto às minhas origens, destacando minha formação escolar e universitária, minhas pós-graduações e o início de minha carreira profissional. Na segunda seção, “Experiências e (Trans)Formações”, reanaliso momentos de profunda transformação em minha vida, especialmente a deficiência visual, suas repercussões na trajetória pessoal e profissional, e a influência dessas vivências na minha especialização em Consciência Corporal, Saúde e Qualidade de Vida, com considerações finais.

O curso de especialização em consciência corporal, saúde e qualidade de vida é um programa de pós-graduação *lato sensu* promovido pelo departamento de educação física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), realizado de maio de 2021 a novembro de 2022, com encontros mensais a distância, na modalidade síncrona e organizada em componentes curriculares. Essa formação propiciou-me a oportunidade de aprofundar conhecimentos, práticas, discussões e reflexões que contribuíram tanto para a construção deste memorial quanto para o meu desenvolvimento humano e profissional.

Espero, dessa forma, apresentar ao leitor as reflexões e sentimentos que emergiram dos encontros vivenciados, dos aprendizados compartilhados e das emoções despertadas, de maneira profunda e singela. Utilizando a metáfora do *Pequeno Príncipe*, aspiro a contemplar minha biografia, assim como ele contemplava a rosa, com todas as suas nuances, incluindo as dificuldades. Além disso, desejo analisar minha vida, ressaltando os detalhes que compõem meu cenário e suas circunstâncias, fortalecendo, assim, meu autoconhecimento e diálogo constante com o mundo ao meu redor, buscando uma transformação pessoal e coletiva.

Memórias e formação: relatos de uma trajetória educacional

Minha trajetória educacional teve início no Rio de Janeiro, em 1980. A natação logo se tornou minha atividade esportiva predileta, despertando a admiração dos observadores pela minha performance corajosa. Logo, comecei a participar de competições e a acumular medalhas. Cada derrota me motivava a buscar a superação.

Com tenra idade, mudei-me para Natal (RN) devido à transferência de trabalho de meu pai. Na Escola Nossa Senhora das Neves, cursei todo o Ensino Fundamental e Médio, envolvendo-me em diversas atividades cívicas, culturais e esportivas. O esporte era valorizado na escola, e a natação continuava sendo minha paixão, proporcionando uma conexão profunda comigo mesmo e momentos de tranquilidade e estímulo.

Por razões práticas, precisei temporariamente mudar para a educação física generalista no Ensino Médio, o que me frustrou por não me identificar com o futsal. Gradualmente, percebi que meu desejo genuíno era voltar à natação, e meus pais apoiaram a decisão devido ao bom desempenho acadêmico.

Fui líder de sala por vários anos, representando minha turma em reuniões com professores e no centro cívico. No entanto, essa participação contrastava com um profundo

sentimento de solidão que quase sempre me acompanhava. O *bullying* por alguns colegas devido ao meu sotaque carioca e educação exacerbava esse sentimento. Isolar-me na biblioteca durante os intervalos tornou-se uma maneira de lidar com essa situação. Segundo Danes-Staples *et al.* (2013), o *bullying* é caracterizado pela exposição repetida a ações físicas ou comportamentais depreciativas por um período prolongado, causando prejuízos afetivos e emocionais à vítima e resultando em isolamento social.

Após concluir o Ensino Médio, realizei o sonho de ingressar na Curso de Medicina na UFRN e prossegui com a Residência em Clínica Médica e Endocrinologia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Essa fase de estudos e formação profissional me permitiu desenvolver habilidades para a docência e aprofundar o conhecimento sobre hormônios e metabolismo.

Na graduação, percebi um viés excessivamente biomédico em detrimento de abordagens mais humanísticas. A concepção biomédica do corpo apoia-se na biofísica e na dicotomia normalidade x anormalidade e concebe a “doença como resultado de um desvio de elementos eminentemente morfofisiológicos e psicológicos (*disease*)” (Alves, 2006). Segundo o autor, esse entendimento consagra à doença como fruto linear e direto de um processo patológico que confere a institucionalidade da concepção biomédica à medicina e sua profissionalização.

Essa compreensão fundamenta uma visão cartesiana, dualista, frequentemente objetificada, fragmentada e mecanicista do ser humano, que uma vez desprovida de subjetividade e de consciência, ocupa o polo passivo e acrítico da “relação médico-paciente”.

Após a formatura, retornei a Natal para iniciar a prática profissional. Atuei como médico na Estratégia de Saúde da Família (ESF) em Pendências, participando de atividades de promoção e educação em saúde. Além disso, trabalhei no ambulatório de endocrinologia do Hospital Luís Antônio e lecionei Semiologia Médica e Endocrinologia na Universidade Potiguar (UNP).

No entanto, ao retornar, minha jornada tomou um rumo inesperado. Um novo eu começou a emergir, e minha consciência corporal entrou em um processo de mutação. Essa fase de transformação foi desafiadora, mas também me permitiu amadurecer e enfrentar novos encontros comigo mesmo.

Experiências de transformação: a jornada de um ser com deficiência visual

A experiência, conforme Benjamin (1993), é um fenômeno mobilizador, tocante e transformador, que nos afeta profundamente. Ela carrega consigo a força do coletivo, a participação do outro e a riqueza da polifonia, manifestando-se em múltiplos sentidos e interpretações. O conhecimento adquirido através da experiência emerge da interação entre o saber e a vida humana, singular e concreta (Larrosa, 2002).

A nova trajetória se iniciou com o diagnóstico de retinose pigmentar, uma degeneração na retina que resultou em visão tubular e progressiva perda da acuidade visual. Desde os 20 anos, enfrentei dificuldades na visão noturna, em ambientes com pouca luz e, gradualmente, na leitura. Realizei consultas com diversos especialistas e exames até obter a confirmação, cerca de 10 anos após o início dos sintomas, por meio de um mapeamento genético que revelou a mutação no gene *Cerkl*, característica da retinose pigmentar.

Os primeiros indícios da condição provavelmente surgiram anos antes, quando a pessoa sentia desconforto ao acompanhar jogos noturnos de futebol de salão ou vôlei, enquanto seus amigos prosseguiam a atividade sem dificuldades visuais. Naquela ocasião, optava por se recolher ao banco e observar à distância.

Após o diagnóstico, enfrentei uma série de reações emocionais, incluindo dúvidas e angústias. No entanto, optei por prosseguir, confiante nas estatísticas que indicavam que aproximadamente 20 a 30% dos casos não evoluíam para formas mais graves. Entretanto, ao retornar para Natal, minha condição visual agravou-se, adicionando novas dificuldades, como problemas na leitura e colisões com objetos.

Durante esse período, experimentei momentos de negação, raiva, tristeza e medo, e ocasionalmente direcionei esses sentimentos para meus pais e avós, considerando a natureza genética da condição visual. Esses ciclos emocionais também se manifestaram em meus pais, prevalecendo a negação durante muitos anos, o que gerava incertezas sobre a aceitação da minha nova realidade.

A vivência da deficiência visual evidencia o fenômeno do capacitismo, definido como uma postura preconceituosa que hierarquiza indivíduos com base na conformidade de seus corpos à corponormatividade (Mello, 2016). Tal preconceito pode manifestar-se internamente, como auto capacitismo, ou ser direcionado a outras pessoas com deficiência, impactando negativamente as interações sociais e a inclusão.

Enquanto atuava como médico da ESF em Pendências (RN), deparei-me com um novo mundo de desafios, enfrentando claridade e ofuscamento nas manhãs, nebulosidade nas tardes e escuridão nas noites. As pessoas não sabiam como ajudar, e eu estava aprendendo a me adaptar ao novo cenário, buscando formas de locomoção e tecnologias assistivas.

O discurso médico reabilitador permeava minha vida nesse período, sendo reforçado no trabalho, nas visitas domiciliares e até mesmo na família. Muitas vezes, fui questionado sobre a possibilidade de cirurgias para melhorar a visão, algo que eu sabia ser inviável, mas que acabei nutrindo como uma esperança ilusória.

As tentativas de encontrar tratamentos levaram-me a procurar médicos em diversas cidades e até mesmo a viajar pelo país em busca de protocolos de pesquisa com células-tronco. Entretanto, meu quadro visual já estava muito comprometido para ser incluído em testes experimentais, o que levou à desilusão e à depressão.

Como Schilder (1980, p. 11) nos apresenta: “A imagem do corpo humano é a figuração de nosso corpo formada em mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós”. Esse modo de apropriação quando não confrontado e trabalhado a contento, é muitas vezes dominante e pode nos impor uma série de auto penalidades, perspectivas punitivas ou de apartações sociais.

Após um período de reflexão, percebi que precisava encarar minha situação com mais segurança e decidi iniciar o processo de reabilitação em 2012. No Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos do Rio Grande do Norte (IERC), familiarizei-me com a bengala branca, o assinador e a escrita em Braille. Ainda resistia internamente e externamente a esse processo de aprendizado, mas encontrei apoio em pessoas com deficiência visual, especialmente no Grupo Esperança Viva, um programa de educação musical para cegos na UFRN.

Minha esposa também desempenhou um papel fundamental nesse caminho de aprendizado, perseverança e autoconfiança. Aprendi com Valter Hugo Mae sobre a importância do toque e como a sensibilidade e empatia em relação ao sofrimento dos outros podem torná-los mais humanos.

Merlau-Ponty (1999) nos apresenta a concepção ampliada do corpo como uma forma de expressão do nosso ser no mundo, não apenas como simples objeto, mas como presença viva em movimento, que considera os aspectos da subjetividade e a relação consigo mesmo, com os semelhantes e com o nosso entorno.

Com o tempo, retomei minha paixão pela natação e descobri a biodança, que trouxe vida, coragem e uma nova perspectiva de interação com o mundo. Ao longo dessas

experiências, busquei aprofundar meu autoconhecimento e conhecimento sobre a saúde das pessoas com deficiência. Cursei especializações, graduação e mestrado, enfrentando desafios e sendo acolhido no corpo docente da UFRN, onde pude contribuir para a inclusão e acessibilidade, proporcionando um ambiente acolhedor e acessível.

De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015), é responsabilidade coletiva da sociedade, do governo e das famílias salvaguardar os direitos das pessoas com deficiência. Esses direitos abrangem a acessibilidade, a comunicação efetiva, o acesso à informação, a assistência à saúde, a reabilitação, a dignidade, o respeito, a liberdade e a participação na vida comunitária, entre outros. Consequentemente, é obrigação de cada membro da sociedade, independentemente de possuir ou não uma deficiência, assegurar um ambiente inclusivo e livre de obstáculos que permita a participação plena de todos em interações sociais significativas.

Assim, “Pelo movimento da inclusão, os sujeitos se aproximam de si mesmos e de suas comunidades e, nesse movimento tático, porém, não determinado ou previsível, (re)únem e potencializam forças para a criação e (re)criação de articulações sociais promissoras da permanente constituição de seus modos de ser e estar no mundo, com o mundo e com os outros enquanto sujeitos protagonistas de sua própria história em coletividade” (Orrú, 2020, p. 27).

Atualmente, compreendo que a reabilitação transcende a mera recuperação da funcionalidade física; ela envolve uma transformação profunda do corpo, da mente e do espírito. Por meio desta experiência, aprende-se a perceber o mundo de maneiras diversas, utilizando ferramentas como leitores de tela, digitalizadores de texto, aplicativos de smartphones e, fundamentalmente, a própria sensibilidade.

Ao longo da especialização, pude notar grande evolução em minha compreensão do mundo e de minha própria existência. Meu olhar sobre o corpo se transformou em algo mais abrangente, cósmico, dinâmico, sensível e reflexivo. Essa transformação me permitiu sentir a expressão dessa integração e reafirmar minha própria existência como algo que transcende o óbvio, o estático e o visível, alcançando o plano do imaterial, do invisível, do além e do sublime. Segundo Merleau-Ponty (1999), o corpo é um ser ativo e essencial na nossa compreensão do mundo, envolvendo-se constantemente nas experiências sensoriais e movimentos, ou seja, corpo estesiológico, corpo que se move e que deseja.

Deste modo, Delors (1996) nos ensina que entre os aprendizados essenciais para o desenvolvimento cognitivo e social está o preparo para lidar com as adversidades da vida, a justiça, a empatia, o preparo para o trabalho e o conviver em sociedade. Esses pilares são fundamentais em meu encontro com o mundo após a perda da visão, impulsionando-me a

desbravar novos caminhos, reconstruir-me como pessoa, estabelecer novas conexões e lançar-me ao mar da infinitude da vida, com perseverança e dedicação.

Em síntese, a consciência corporal representa o conhecimento e a prática que nos permitem compreender e perceber a integralidade do ser, resgatando sentimentos, identidade e expressão no mundo. É a interação entre a percepção do corpo como essência e aparência, integrando a experiência sensível e o conhecimento adquirido ao longo de minha jornada.

Assim, planejo continuar buscando novos cursos de práticas terapêuticas corporais, meditativas e humanísticas ao longo da vida, em busca de aprimoramento, atualização e ressignificação de minha existência. Pretendo, também, refletir continuamente sobre minha relação com o corpo e o mundo, escrevendo novas cartas com novas leituras de mundo e experiências, sempre reafirmando a vida, a alegria, a saúde, o equilíbrio, o amor, a paz e a luz.

Considerações finais: reabilitar para (trans)formar

Nesta seção conclusiva, retomo a epístola ao corpo, construída como instrumento para a seleção no curso de especialização em consciência corporal, saúde e qualidade de vida. Minhas percepções iniciais acerca do corpo foram fortemente influenciadas pela perspectiva biomédica, fruto de minha formação em medicina, embora já abrangessem elementos básicos de compreensão humanística, relacionais e holísticos.

A experiência de dez anos como pessoa com deficiência e o aprofundamento na temática da inclusão e da reabilitação, sob uma perspectiva mais ampla, durante minha pós-graduação em Saúde Coletiva, me proporcionaram o conhecimento para ir além da materialidade do corpo.

No entanto, reconheço que essas primeiras tentativas de integrar a essência ao corpo aparente eram limitadas e pouco reflexivas. O viés excessivamente medicalizante da formação médica sempre me incomodou profundamente, e considero, hoje, insuficiente a compreensão unicausal, fragmentada e unidirecional do ser humano.

Hoje, compreendo a consciência corporal como um conjunto de conhecimentos e práticas direcionadas à compreensão e à percepção do ser humano em sua totalidade, resgatando os aspectos dos sentimentos, da identidade e da expressão no mundo. Para alcançar tal intento, foram aprofundados elementos teóricos, metodológicos e epistemológicos para, com base na plenitude do ser, unir a intercepção e a exterocepção, o ser sentido e o ser significado, os afetos, as sensações e a ação no mundo. Concordando com Nóbrega (2009), a consciência corporal é

a percepção que o ser humano possui de sua realidade existencial como corpo em movimento, como corporeidade.

Esse novo olhar sobre o eu-corpo e o mundo fornece alicerces para uma prática profissional mais sensível e atenta à dinâmica da vida humana em sua completude, onde o ser humano é integrado e atuante no mundo. Nesse contexto, posso, com determinação, auxiliar na concretização da proposta contida em meu memorial de entrada como professor, incentivando nos estudantes, nos usuários aos quais presto cuidado, nos familiares com quem me relaciono, nos colegas de trabalho e em meus próprios familiares e amigos, a descoberta de si mesmos, a valorização do autocuidado, a expressão cotidiana e a transformação enquanto sujeitos.

No âmbito da medicina, a consciência corporal possui um vasto potencial de atuação e integração, desde a percepção do corpo como sujeito atuante e protagonista de seu próprio cuidado até o empoderamento para ação multidimensional, embasado na completude do ser. Isso impulsiona a prática de saúde humanizada, que acolhe e se relaciona horizontalmente, livre de julgamentos e desrespeitos. Esses pilares constituem a base para o cuidado consigo mesmo, com o outro e com o mundo, fundamentais para os trabalhadores de saúde, os familiares e toda a comunidade. Além disso, implica em uma perspectiva ampliada de cura, que transcende a matéria física e envolve as dimensões mental, espiritual e biopsicossocial. Também compreende a interpretação dos sinais físicos e do sofrimento psíquico como vocalização do inconsciente, do não dito e do interdito, entre outros importantes contributos.

A partir da formação em consciência corporal, saúde e qualidade de vida, anseio aprofundar e incorporar diariamente o autoconhecimento, a relação entre o eu e o mundo, as múltiplas formas de expressar vontades e desejos, a sensação de pertencer ao todo, ao cosmo, e a intercorporeidade, que me conecta aos meus semelhantes e dá mais sentido e significado à minha existência. Pretendo praticar e incorporar em minha rotina muitas das experiências vivenciadas no curso, como meditação, relaxamento, alongamento, respiração profunda e consciente, automassagem, silenciamento, canto, dança e o compartilhamento de impressões, frustrações e curiosidades do mundo com meus semelhantes, perpetuando tais vivências em meu coração.

Por fim, encerro este estudo com o sentimento de gratidão por esta jornada transformadora, que ampliou meu entendimento do mundo e do ser. Comprometo-me, como profissional e ser humano, a disseminar e aplicar os conhecimentos adquiridos, buscando contribuir para uma sociedade mais empática, acolhedora e consciente, onde a reabilitação

possa (trans)formar vidas, promovendo a plenitude e o bem-estar de cada indivíduo e da coletividade como um todo.

REFERÊNCIAS

ALVES, P. C. A fenomenologia e as abordagens sistêmicas nos estudos sócio-antropológicos da doença: breve revisão crítica. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.I.], v. 22, p. 1547-1554, 2006. DOI: 10.1590/S0102-311X2006000800003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/yZJWqGtsJZWmnsSzxyKTDcy> . Disponível em: 10 ago. 2023.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRAGANÇA, I. F. S. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto) biográfica. **Educação**, [S.I.], v. 34, n. 2, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8700>. Acesso em: 05 ago. 2023.

BRASIL. Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 2015.

DANES-STAPLES, E.; LIEBERMAN, L. J.; RATCLIFF, J.; ROUNDS, K. Bullying experiences of individuals with visual impairment: The mitigating role of sport participation. **Journal of Sport Behavior**, [S.I.], v. 36, n. 4, 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/233576199.pdf> . Acesso em: 05 ago. 2023.

DELORS, J. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 1996.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Aprendendo com a própria história**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [S.I.], n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 05 ago. 2023.

MELLO, A. G. Deficiência, Incapacidade e Vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 10, p. 3265-3276, 2016. DOI: 10.1590/1413-812320152110.07792016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/J959p5hgv5TYZgWbKvspRtF/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 05 ago. 2023.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NÓBREGA, T. P. **Corporeidade e educação física**: do corpo-objeto ao corpo sujeito. 3. ed. Natal: EDUFRN Editora da UFRN, 2009.

ORRÚ, S. E. A diferença como valor humano: Ensaio sobre as contribuições do pensamento de Boaventura Sousa Santos, Gilles Deleuze e Homi Bhabha para o Paradigma da Inclusão. **Educação e Filosofia**, [S.l.], v. 34, n. 71, p. 735-773, 2020. DOI: 10.14393/REVEDFIL.v34n71a2020-50642. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/50642>. Acesso em 10 set. 2023.

PINEAU, G. Experiências de Aprendizagem e Histórias de vida. *In*: CARRÉ, P.; CASPAR, P. **Tratado das Ciências e das Técnicas da Formação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. **Memorial de formação**: quando as memórias narram a história da formação. Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações. Campinas: Graf, 2005.

RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo**: as energias construtivas da psique. São Paulo: M. Fontes, 1980.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Gostaria de agradecer a Prof.a. Dra. Ana Zélia Alves Vieira Belo pelos diálogos, a coordenação do curso de Especialista em Consciência Corporal, Saúde e Qualidade de Vida da Universidade Federal do Rio Grande do Norte pelos aprendizados e a Prof.a. Dra. Olivia Moraes de Medeiros Neta pelo estímulo.

Financiamento: Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: O trabalho respeita princípios da ética na análise das fontes.

Disponibilidade de dados e material: Os dados e materiais utilizados no trabalho são de acervo pessoal e podem ser compartilhados, caso necessário.

Contribuições dos autores: A concepção, a análise e a redação final do trabalho.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

